

A flânerie na cidade globalizada, em *Passaporte*, de Fernando Bonassi

The flânerie in the globalized city, on *Passport* by
Fernando Bonassi

Glauber Costa Fernandes**, *Cláudio do Carmo*

** Universidade Estadual de Santa Cruz - BA*

Resumo: Este trabalho propõe-se discutir a representação de Cidade no livro *Passaporte* (2001), de Fernando Bonassi, situando-a no contexto da globalização (BAUMAN, 1999). Nestas circunstâncias, seus textos configuram-se como um *flâneur* (BAUDELAIRE, 1988) que tenta captar a experiência urbana na Cidade, que já não possui fronteiras. Portanto, a *flâneirie* bonassiana consiste em percorrer diversas “cidades”, na tentativa de captar alguma Representação, seguindo fragmentos urbanos, além de rastros dos sintomas do capitalismo deixados por todo o mundo globalizado. Levando em conta seu caráter crítico frente a uma realidade pós-utópica, espera-se nesta pesquisa perceber o modo pelo qual o *corpus* expressa os efeitos da expansão do capitalismo tardio na Pós-modernidade (JAMESON, 1997), levando em conta suas configurações de tempo e de espaço.

Palavras-chave: Cidade. *Flânerie*. Literatura. Globalização.

Abstract: This paper proposes to discuss the representation of City in the book *Passport* (2001), by Fernando Bonassi, placing it in the context of globalization (BAUMAN, 1999). In these circumstances, their texts appear as a *flâneur* (BAUDELAIRE, 1988) which tries to capture the urban experience in the City, which no longer has borders. Therefore, the *flâneirie* bonassiana consists of visiting several "cities" in an attempt to capture any representation, following urban fragments, and traces left of the symptoms of capitalism throughout the globalized world. Considering their critical nature in the face of a post-utopian reality, it is hoped this research perceive the way the body expresses the expansion effects of late capitalism in post-modernity (JAMESON, 1997), taking into account their settings time and space.

Keywords: City. *Flânerie*. Literature. Globalization.

O poeta Charles Baudelaire, em um famoso ensaio intitulado “O pintor da vida moderna”, faz uma reflexão importante sobre as características daquilo que ele chamou de “modernidade”, identificando-a como efêmera e imutável simultaneamente. Assim, em um tempo de transformações tecnológicas, econômicas e sociais, o poeta analisa os quadros do pintor Constance Guy discutindo a forma pela qual este fixa na sua obra a efemeridade e a imutabilidade da vida moderna.

Da mesma maneira, Walter Benjamin estuda os modos de o próprio Baudelaire lidar com as novas formas de vivências advindas do que ele chama de “auge do capitalismo”. A partir destes estudos, percebe-se que toda mudança nas formas de organização da sociedade acaba proporcionando relações diferentes entre arte e vida, ou seja, suas maneiras de interpenetração vão se reconfigurando.

Sabe-se que o objeto dos referidos artistas acabou sendo a Cidade moderna, palco das revoluções industriais do século XIX, a qual foi se formatando de acordo com as consequências do desenvolvimento capitalista, tendo suas ruas tomadas por uma multidão de operários, burgueses e marginalizados, além da massificação do crescente aglomerado de pessoas, o que dificultava qualquer distanciamento para se analisar o contexto de fora, mesmo para o *flâneur*, observador da Cidade, um tipo sociológico da modernidade, identificado por Benjamin como o ocioso que vagava pelas ruas, contemplando as mudanças no espaço citadino.

Sérgio Paulo Rouanet explica que “no início do capitalismo, ainda era possível ficar em sua periferia, sem se deixar absorver por ele. Essa periferia é o lugar do *flâneur*. Refugiado nas *Passagens*, ele observa a multidão, que desfila pelos bulevares.” (ROUANET, 1987, p. 76). Entretanto, até mesmo o observador da vida urbana, com a legitimação do mercado, foi perdendo espaço como mero espectador, sendo cooptado pela intensificação do sistema.

O *flâneur* clássico, que conseguia inclusive passear com uma tartaruga pelas calçadas, ironizando a velocidade urbana, teve que lidar com o caos das grandes cidades, de dentro do próprio processo capitalista. Daí o pintor Constance Guy poder ser considerado por Baudelaire um homem da multidão, pois sua condição de anônimo permitia-lhe uma visão da modernidade, a partir da imersão nela mesma. Essa também foi a condição da poesia de Baudelaire, sob os olhos de Benjamin, a qual tentava utilizar-se de um lirismo a partir das próprias vivências modernas, sendo essa a maneira de a *flânerie* destes artistas lidar com as transfigurações da Cidade moderna, que ao longo do tempo foi se intensificando e desafiando ainda mais o flânador.

Entendendo a arte como participante dos jogos discursivos que constituem a realidade humana e não um espelho desta, nota-se como ela mantém um constante diálogo com as revoluções históricas, mais especificamente, com as mudanças dos e nos modos de produção. Assim, na contemporaneidade, na qual alguns teóricos identificam uma mudança de paradigma, no que se refere à tecnologia, economia, cultura e múltiplas instâncias da vida humana, a literatura se relaciona com um contexto distinto da industrialização vivenciada por Constance Guy e Baudelaire, sendo novamente desafiada, em sua própria forma, a expressar sua contemporaneidade.

Atualmente a vida urbana é globalizada e os sintomas do mercado podem ser identificados em todas as cidades do mundo, visto que o capitalismo mais do que se expandiu, intensificou-se, atingindo inclusive instâncias antes não alcançadas, segundo Fredric Jameson. Portanto, analisar a Cidade contemporânea globalizada significa mais do que observar ambientes replicados, pois implica também em perceber os modos de vida, tanto social quanto íntimo, orientados e expandidos pela lógica do mercado.

Para tanto, a *flânerie* pode ser um instrumento tanto investigador quanto problematizador da nova situação mundial. O novo *flâneur* há de percorrer o mundo para revelar a recorrência dos sintomas do mercado global, e identificar vivências que antes eram restritas a alguns países urbanizados. Entretanto, o observador cidadão, assim como na industrialização, continua sendo cooptado pelo capitalismo, não sendo portanto nenhum gênio com o privilégio de olhá-lo de fora, pois além de ser mais uma mercadoria replicada, sua expressão, mesmo buscando refúgio na arte, muitas vezes se resume a valor de troca, ainda que possua um conteúdo potencialmente subversivo.

Nesse sentido, Fernando Bonassi, escritor brasileiro contemporâneo, inspirado na linguagem jornalística, constrói textos curtos, recortes da vida urbana atual, como se estivesse flanando, percorrendo a Cidade globalizada, embora com a particularidade de buscar cenas que apontam para os aspectos desumanos que a configuram. Dessa forma, este trabalho visa discutir a representação da Cidade contemporânea no seu livro *Passaporte*, destacando o comportamento flâneur diante das consequências do mercado mundializado, uma vez que como um *flâneur*, mais do que observar/participar da vida cidadina do presente, ele ainda articula uma memória histórica a sua criação literária, oferecendo profundidade crítica à sua visão ética frente aos sintomas do capitalismo.

Apesar de Bonassi, na intensificação da reprodutibilidade técnica, não escapar à cooptação de sua obra pelo mercado, não deixa de saciar uma vontade de apreender as imagens da vida pós-moderna e assim elaborar o seu livro *Passaporte*, como um *flâneur* da Cidade globalizada, inscrevendo em seus contos referências a passados históricos de momentos distintos, formadores e consequentes da civilização urbana contemporânea, como a colonização e o fascismo, por exemplo.

Como afirma Raquel Rolnik: “a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história” (ROLNIK apud GOMES. 1994, p. 23). Daí os contos bonassianos percorrerem não apenas os espaços tomados pelo capitalismo, como também o próprio tempo, ou seja, eles ampliam a visão de Cidade, ao abordar assuntos como, por exemplo, o fim do bloco soviético sob o ponto de vista da Europa Oriental, fenômeno que reconfigurou a Cidade naquele lugar, ao torná-la capitalista. Como no seguinte conto:

040 Quase comercial de benetton

No Portão de Brandemburgo, um russo quer me vender uma jaqueta estropiada por 150 marcos. No primeiro momento diz que foi de um garoto sérvio morto em combate, mas com a

evolução da conversa, o dono passa a croata e albanês. Noto claramente que as “manchas de sangue” não passam de guache ralo e que os “buracos de bala” foram feitos com cigarro aceso. Insisto em pechinchar e ele acaba admitindo que o sangue não é verdadeiro. Quer dizer: não é do tal garoto. Então me mostra uma cicatriz na palma da mão, dizendo que está precisando muito de dinheiro extra. (Berlim Oriental – Alemanha -1996) (BONASSI, 2001, p. 40).

Observa-se aqui uma incorporação de valores e necessidades oriundas do capitalismo triunfante, após a Guerra Fria. Além deste exemplo, a dimensão histórica também aparece na representação da Cidade brasileira, quando os contos recapitulam processos exploratórios em relação aos índios, processos estes que foram importantes para a formação da civilização urbana no Brasil.

015 Índios aprendem depressa

Índios não têm anticorpos ou cabides. Índios não acreditam que o sol vai nascer amanhã, necessariamente. Índios têm tesão na lua e dificuldades pra se matar, porque desconhecem nossa experiência no assunto. Índios pagam o dobro por uma calça Lee. Índios cozinham macacos e jogam a pele fora. Índios ficam fascinados com embalagens. Índios fazem cachaça de qualquer coisa. Índios fazem de tudo na frente uns dos outros e na hora que têm vontade... mas os índios aprendem depressa e, se antes davam suas filhas de presente, agora começam a cobrar por isso. (Cáceres – Brasil – 1987) (BONASSI, 2001, p. 15).

Nota-se, portanto, uma forma de lidar com as questões sociais diferente da literatura modernista do início do século XX, pois não há um único tema em foco, uma sequência coesa embasada em denúncias específicas, nem projetos sólidos e unívocos, mas sim uma mistura de vários assuntos sob forma de fragmentos narrativos, denotando a pluralidade de consequências do capitalismo contemporâneo, que apenas quando reunidos na leitura, podem encontrar alguma identidade, que é a própria representação de Cidade, fragmentada pelo novo contexto.

Bauman (1999) descreve a contemporaneidade como sendo a globalização, a qual é constituída por uma nova divisão de trabalho, onde a elite passa a ser extraterritorial, ou seja, não necessita se fixar em localidades, podendo simplesmente investir e deixar de investir em qualquer lugar do mundo, orientado pela lógica do lucro, abandonando os desprovidos de mobilização, com as consequências da constante migração de capital, típica do mercado financeiro. Portanto, a Cidade contemporânea é marcada pelas transformações de tempo e de espaço oriundas das novas tecnologias e pelo uso que essa nova divisão de trabalho faz delas. Fenômeno que tem como consequência, além da manutenção das desigualdades, a dificuldade de representar um mundo onde todos os espaços podem estar em um único lugar e

todos os tempos em um único tempo, mesmo que de maneira ilusória e esmaecida respectivamente.

Diante disso, os contos bonassianos constituem uma coletânea de histórias curtas e independentes entre si, expressando em sua própria forma a dificuldade de representar a mundo citadino de maneira transparente ou totalizante. E apesar de os fragmentos urbanos aparecerem em outros livros dele, no *corpus* aqui analisado, Bonassi ousa ultrapassar as fronteiras e misturar histórias de tempos e espaços constituintes da vida urbana mundial, mais especificamente do Ocidente, aproximando-se de uma representação do mundo contemporâneo, por meio da representação de Cidade.

Obviamente que o rompimento de fronteiras se dá sem abandonar aquilo que norteia boa parte de sua obra, que é a realização de um imaginário citadino a partir de São Paulo, a qual também é uma Cidade globalizada, onde podem ser identificadas, sem sair de suas “fronteiras”, as recorrências dos sintomas da globalização, por meio de uma *flânerie* que faz questão de enfatizar apenas as consequências nada celebráveis do capitalismo atual, como no seguinte conto:

51 Natureza-morta com São Paulo

Ecos de sirenes. Vozes de prisão. Gatos com ratos mortos na boca. Ratos mortos com formigas na boca. Crianças chorando abertamente. Homens-feitos chorando escondidos Talheres raspando pratos. Televisão no fim. Camas suspensas por latas de óleo. Rostos em terror espiando nos vidros. Dez milhões de preces inomináveis por dentro dos travesseiros. Cristos de louça. Toalhas plásticas. Cravos e espinhas. Penicos e bacias. Escapamentos furados, traques, tiros. Pilhas gastas. Nem pomada. Nem foda. Nem droga. Nem preguiça. Nem um saco de lixo pra chutar. (Presidente Altino – Brasil – 1996) (BONASSI, 2001, p. 51).

Vê-se aqui um quadro de degradação descrito com certo rancor expresso na própria forma curta e direta das frases, sem grandes explanações. Assim, direto ao ponto, o conto simboliza pressa e urgência de denúncia, agregando a esta paisagem urbana o discurso que condensa de maneira a quase concretizar no papel o imaginário de Cidade captado no livro.

E para exemplificar o ultrapassar de fronteiras das vivências da margem, nos contos de *Passaporte*, o seguinte conto ilustra contundentemente:

112 non-stop

Ninguém mais dorme em Miedzyrzecz. No começo porque os empregos foram acabando, agora porque só quem fica acordado vai conseguir vender alguma coisa aos motoristas que vêm de Berlim e seguem até Poznun. Sabendo disso, Jerzy simplesmente está morando na sua barraquinha à beira da

estrada. Aprendeu a cochilar entre clientes, fazendo de travesseiro os pacotes de Mariboro de forma que não amasse os cigarros. Quanto aos olhos e a barba sempre por fazer, Jerzy tem tido muitas provas de que isso até atrai algumas pessoas. (Miedzyrzecz – Polônia – 1998) (BONASSI, 2001, p. 112).

Com a mesma ânsia do conto anterior, o narrador de “non-stop” torna a Cidade polonesa presente no texto com a força de um impacto tanto do que é narrado quanto da forma pela qual se narra, seguindo assim uma sequência de contos que percorrem o *corpus* sugerindo uma imagem da globalização, que ao menos em certas recorrências, acaba rompendo fronteiras entre os sintomas do mercado. Portanto percebe-se em *Passaporte* a replicação de mal-estares por todas as cidades, ou melhor, pela Cidade globalizada, fruto da expansão capitalista.

Segundo André Bueno (2002), parte da literatura contemporânea tenta oferecer uma visão histórica e ampliada da vida urbana atual. E assim Bonassi mistura, em seus contos, passado e presente, resistindo a qualquer omissão do caráter histórico da Cidade, e conseqüentemente, rejeitando o discurso de um presente em si mesmo, típico da Pós-modernidade, celebradora da expansão capitalista. Assim, a *flânerie* bonassiana ganha consistência, uma vez que não apenas observa/participa de um presente que urge em ser expresso, como também amplia a visão das vivências urbanas por meio de sua ficção. Portanto a articulação, ainda que fragmentária, ente espaços e tempos, configura uma *flânerie* que denuncia as recorrências da exploração globalizada, tanto espacialmente quanto temporalmente.

Para tanto, Bonassi lida com a fragmentação da vida urbana por meio de seus alegóricos fragmentos narrativos. Como explica Canclini: “Tudo é denso e fragmentário. Como nos vídeos, a cidade se fez de imagens saqueadas de todas as partes, em qualquer ordem. Para ser um bom leitor da vida urbana, há que se dobrar ao ritmo e gozar as visões efêmeras.” (CANCLINI, 2008, p. 123). Desta forma, seus textos conseguem construir um imaginário citadino sem se utilizar de representações totalizantes, simplesmente apontando sinais caóticos e toda a estranheza da vida contemporânea orientada pela lógica mercadológica, por meio de uma *flânerie* adaptada à contemporaneidade, uma vez que, como explica Benjamin: “[O *flâneur*] desenvolve formas de reagir convenientes ao ritmo da cidade grande. Capta as coisas em pleno vôo, podendo assim imaginar-se próximo ao artista.” (BENJAMIN, 1991). Sendo assim, a dimensão e o ritmo que a Cidade tomou no mundo globalizado requer uma *flânerie* ainda mais ágil do que as “esgrimas” de C. G e Baudelaire, para que assim a arte literária contemporânea possa construir representações da configuração de um capitalismo intensificado, a fim de contribuir para o imaginário urbano atual, com a possibilidade de sinalizar para a necessidade humana de uma outra Cidade.

Enfim, apesar de se utilizar da fragmentação típica da Pós-modernidade, Bonassi consegue criticá-la a partir dela mesma, de dentro da própria lógica capitalista pós-moderna, que coopta todo *flâneur*. Assim, a *flânerie* de Baudelaire e de C.G. reaparece em Bonassi em um contexto suficientemente desencantado para provocar um mal-estar na própria forma de expressar este tempo.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna in: *A modernidade de Baudelaire*. tradução Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. *Passagens*. Organização W. Bolle. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BONASSI, Fernando. *Passaporte*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

BUENO, André. *Formas da crise: estudos de literatura, cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Baudelaire, Benjamin e o moderno. In: *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Tradução Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1997.

ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio Janeiro: Civilização Brasileira. 2009.

Recebido em 26 de novembro de 2010.

Aceito em 15 de maio de 2011.

GLAUBER COSTA FERNANDES

Mestrando em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-BA). E-mail: glauber.costa@hotmail.com.

CLÁUDIO DO CARMO

Doutor em Ciência da Literatura (Poética) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e docente no curso de Mestrado em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-BA). E-mail: claudiocarmo@ibest.com.br.